

II

A LOCALIZAÇÃO DA BATALHA

Buscai a prova de tudo ;
o bom respeitai-o. Quem crê
de pronto é leve de coração.

GUIOO.

Dissemos anteriormente que se avolumavam as afirmações que dão como definitivamente achado o local da Batalha de Ourique.

Há, na verdade, razão para assim o afirmarmos depois que apareceram os recentes trabalhos dos senhores *António Cabreira* ⁽¹⁾ e General *Vitoriano José Cé-*

(1) *António Cabreira*, O Milagre de Ourique e As Côrtes de Lamego, Lisboa, 1925.

sar. ⁽¹⁾ E quais são as teses defendidas por êstes dois escritores, acêrca do *Enigma de Ourique*, que vêem ressuscitar uma questão, que muitos supunham já arrumada?

O Snr. *António Cabreira*, após longas citações de Autores, em que gasta umas boas dezoito páginas, estabelece e dá como apurados dôze factos, entre os quais sobressai êste, que para o nosso caso, e de momento, é o que mais importa: — “que o encontro (batalha de Ourique) se deu numa zona compreendida entre Leiria, Santarém e Cartaxo.”

Esta afirmação deve, para melhor compreensão e interpretação, aproximar-se das que já em 1911 fizera o Prof. *David Lopes* e que para aqui transcrevemos; mas antes de isso frizem-se êstes pontos elucidativos. A tese do Snr. *António Cabreira*, como a do Snr. General *V. J. César*, é inteiramente diversa da tese clássica, que dava o feito como passado no baixo Alentejo, no campo do mesmo nome.

(1) General *Vitoriano José César*, A batalha de Ourique, Lisboa, 1926.

Alexandre Herculano também seguiu a corrente tradicional; posteriormente é que outras teses surgiram, como diremos adiante. Vamos, por agora, à tese do Prof. *D. Lopes*.

Abonando-se com os cronicões, que dizem, que o capitão dos muçulmanos em Ourique era Esmar ou Ismar, *D. Lopes* borda estas ainda hoje aceitáveis considerações: «consideremos um momento o processo cauteloso de D. Afonso Henriques contra o inimigo; que, antes e depois da batalha de Ourique, é o governador de Santarém que êle encontra pela frente nas suas tentativas contra o território muçulmano; que Santarém servia de atalaia e dominava a península da Estremadura de um lado e do outro o curso médio do Tejo, e compreender-se-á facilmente que, no seu propósito de desforra, D. Afonso Henriques havia de ir contra o seu inimigo natural, contra aquêlê que o tinha afrontado e fazia vir da Galiza, e com êle deve ter travado batalha, a batalha de Ourique.»

Mas embora êste raciocínio seja aceitável o próprio Prof. *D. Lopes* vai frisando, com uma natural reserva, que estas consi-

derações provocam, que «a-pesar-de muito provável que assim fôsse, a verdade só a teremos no dia em que algum texto árabe ou cristão confirme esta ilacção».

E após reflexões várias, àcêrca do obscuro período do fim da dinastia dos Almorávidas, inclina-se a que o campo da batalha deve ter sido entre Santarém e a linha Leiria-Ourém-Tomar, já em poder dos cristãos: era a *estremadura de Portugal* de então.

São de *D. L.* as subseqüentes passagens: «a área dos nomes em — *ique* abrange Santarém. Pode, pois, ter havido nos dois actuais distritos de Santarém e Leiria algum lugar de êsse nome e ter sido substituído, ou mesmo existir ainda obscuramente.

Inquirimos cuidadosamente e achámos. Existe um extenso campo com o nome de *Chão de Ourique*, no concelho do Cartaxo e limite da freguesia do mesmo nome. *É certo que não está dentro da área que acima determinamos, mas porque fica ao sul de ela, a cêrca de 15 quilómetros de Santarém, não invalida a nossa asserção.* Estas expedições anuais tinham por objectivo destruir

as colheitas do inimigo, e de essa vez D. Afonso Henriques ter-se-ia dirigido aos festeis campos do Ribatejo, ainda dentro do distrito de Santarém. Era atacar o seu adversário de flanco. *Esmar haveria saído a rechassá-la e ter-se-ão batido ali.* Os documentos da época dizem «Campum Ourich», «locum Oric», etc., e não se referem a povoação importante junto da qual se travasse a batalha; e esta circunstância favorece a nossa hipótese. Demais, este «Ourique» ficava «no coração da terra dos mouros», como quere a *Crónica dos Godos*, e como a batalha foi sem importância para os contemporâneos pode não ter-se formado tradição local. Depois, o tempo de que dispôs D. Afonso Henriques difficilmente lhe consentia ir mais longe. A batalha deu-se em 25 de Julho; ora em princípios do mesmo mês o nosso rei achava-se ainda nos seus domínios» (como parece poder provar-se pelo facto a que aludiremos no capítulo seguinte).

David Lopes remata finalmente estas judiciosas asserções, que carecíamos de seriar, do seguinte modo: como quer que

seja, partindo nos primeiros dias de êsse mês, êle (Af. Hen.) teria tempo de sobra para estar em 25 em Ourique — *o Ourique dos lados de Santarém*. Tal é o estado da questão. *O resultado obtido não é plenamente concludente*, mas de êste modo o problema fica simplificado e posto em bases positivas. Assim um facto sem importância política adquiriu importância histórica. ⁽¹⁾

Portanto; para o Prof. *David Lopes* a questão da batalha de Ourique não é uma questão líquida, porque a verdade só a teremos no dia em que algum texto árabe ou cristão confirme as várias ilacções, que se podem tirar de determinados factos. Mas ilacções directas, immediatas, bem entendido! E na verdade; é impossível constituir-se uma doutrina, que não assente em conjecturas ou hipóteses. Estas por falta de alicerces firmes em que se espequem succedem-se com grande mobilidade e frequência.

(1) *David Lopes*, Os Arabes nas obras de Alexandre Herculano, Lisboa, 1911, págg. 172, 173 e segg.

Ainda não há muitos anos o Snr. Dr. *José Saraiva*, professor do Liceu de Leiria, soube, por um dos seus discípulos, que na freguesia das Córtes havia uma propriedade conhecida pelo nome de *Campo de Ourique*, a sete quilómetros e meio ao sul de aquela cidade. (1)

É mais um local hipotético onde se podia ter dado a luta!

É mais uma hipótese a levantar entre tantas outras!

É mais um ponto de partida para novas reflexões conjecturais, tão discutíveis como as anteriores.

Teria o Snr. *António Cabreira*, conhecendo as teses de *David Lopes* e a nova indicação do Dr. *José Saraiva*, querido conciliar as duas hipóteses, aventando uma outra com a sua zona divulgada na frase: — que o encontro se deu numa zona compreendida entre Leiria, Santarém e o Cartaxo? Afigura-se-nos que sim, porquanto êle pró-

(1) *Fortunato de Almeida*, História de Portugal, Coimbra, 1924, tom. II, nota no fim do tomo; atente-se nas considerações do ilustre Prof. ali insertas.

prio escreveu a pág. 20 do seu trabalho: — «tanto a hipótese *David Lopes* como a *José Saraiva* cabem na possibilidade lógica do encontro.»

Mas que vantagem para a solução do enigma de Ourique resulta de esta nova posição do problema?

A meu ver nada se lucrou. Acaso nos diz, com tôda a segurança, o Snr. *Cabreira* qual foi o local preciso, rigorosamente determinado, em que se deu o encontro ou a batalha?

Não, nem o podia dizer axiomáticamente pelos ponderosos motivos, que o Prof. *David Lopes* apontou, e que já transcrevemos, comentando-os, anteriormente. Infelizmente o Snr. *Cabreira* deixa o problema em aberto; e apenas da leitura do texto da sua monografia, e dentro da atenta análise, que lhe fizemos, tão sòmente se depreende, que se inclina preferentemente para a hipótese de que a batalha se desse no Chão de Ourique, no concelho do Cartaxo. Trata-se de uma mera suposição.

Mas tratando-se de um ponto de His-

tória, ainda tão obscuro, natural era que o Snr. *Cabreira* nos dissesse, firmado em textos ou documentos fidedignos, qual era, sem sombra de dúvida, o local da batalha de Ourique!... Ora novos documentos comprovativos ou novas fontes, de onde alguma coisa de proveitoso se colha, é que não são apontadas na monografia a que vimos aludindo. Para construir uma doutrina sólida e irrefutável, como parece ser o desideratum do Snr. *Cabreira*, não devia, então, limitar-se a transcrições de Autores ou de Documentos já interpretados segundo uma heurística e hermenêutica por de mais conhecidas. Carecia antes de fornecer à Crítica outros elementos com os quais fôsse permitido pôr de lado tudo quanto até hoje se tem dito à volta do enigma de Ourique.

Devo dizer, no entanto, que não foi só ao meu espírito que os ensinamentos do Snr. *António Cabreira* mereceram reparos. Assim, talvez, por não lhe parecer persuasivo e convincente o que *A. Cabreira* vem doutrinando, o Sr. *Tito de Sousa Larcher*, entre outras considerações, produzidas num

jornal de Lisboa ⁽¹⁾, bordou esta: «mas vamos ao caso da localização da batalha. Diz o Snr. *Cabreira*: tanto a hipótese *David Lopes* como a *José Saraiva* cabem na possibilidade lógica do encontro. Aquela é, porém, mais conforme às conveniências estratégicas dos mouros, pois lograriam mais probabilidades de êxito, aguardando os cristãos entre Santarém e Lisboa, visto estas Praças, — que distam apenas 71 quilómetros, — poderem concentrar mantimentos e reforços e estabelecer um movimento envolvente ou um ataque de flanco ao inimigo. Sobre êste ponto já mostrei no «Diário de Notícias» de 17 de Outubro último em resposta a um artigo do Snr. Coronel *Vitoriano José César*, que pretendia a batalha de Ourique no Cartaxo, — que o Sr. *David Lopes* não diz tal coisa. A sua opinião é que a batalha se devia ter dado entre Santarém e uma linha ao norte definida por Leiria, Ourem e Tomar ⁽²⁾, e

(1) Cfr. o artigo do Snr. *Tito de Sousa Larcher*, publicado no «Diário de Notícias» de 19-1-1926.

(2) Cfr. o exposto a pág. 30.

não tendo conhecimento de outro Ourique na região, aceita a «possibilidade» de ser ali que se feriu a batalha, mas vai dizendo que o assunto não fica resolvido...» E no artigo, de onde transcrevemos estes períodos, o Snr. *Larcher* acrescenta, que o Prof. *D. Lopes* apresentou uma nota na secção da Academia das Ciências de Lisboa, em 22 de Janeiro de 1920, em que se refere a uma carta do Snr. *Saraiva*, dando-lhe conhecimento do Campo de Ourique de Leiria; naquela nota se dizia: «deixo a outrem tirar qualquer conclusão de êste facto novo. Não serei eu quem substitua hipótese por hipótese,—e a nova é talvez mais plausível que a antiga».

Quere o Snr. *Larcher*, com as suas afirmações, demonstrar, que o Prof. *D. Lopes*, se inclina mais para a hipótese Leiria do que para a do Cartaxo. ⁽¹⁾ E mais;

(1) *D. Lopes* num trabalho intitulado — *Portugal contra os mouros* — afirma que «já oito anos antes D. Afonso vencera os mouros em Campo de Ourique (é em 1139). Exagerou-se muito a importância de essa batalha e tem-se querido que ela se tra-

esforça-se por evidenciar o Snr. *T. Larcher*, que a tese Cartaxo não tem razão alguma de ser, antes militam em favor da tese de Leiria argumentos de apreciável valor. E assim pretende mesmo ver nas crónicas de Froissart uma passagem e uma nota, suficientemente demonstrativas de que no reinado de D. João I existia a tradição da batalha do Campo de Ourique, perto de Leiria. Debaixo do ponto de vista em que nos colocamos, logo de começo, e atendendo a quanto tudo isto tem de conjectural e de duvidoso, somos levados a confessar, que a nossa razão não ficou esclarecida e o espírito, sedento de verdade, não se dá por satisfeito.

Permanecem as dúvidas, mantêm-se as dificuldades e a questão não fica líquida, nem definitivamente arrumada tanto pelo Snr. *Cabreira*, como pelo Snr. *Larcher*. E é

vasse no baixo Alentejo. Não é muito de crêr e parece antes que o encontro se desse ao sul de Santarém, cêrca de três léguas de ela, num sítio do mesmo nome, no concelho do Cartaxo (Colecção — «Os Livros Do Povo», Lisboa, s. d. pág. 9).

muito grave, havendo lugar para tão bastas incertezas, que permitem múltiplas controversias, é muito grave, repito, proclamar-se peremptòriamente, que a batalha de Ourique se deu aqui ou ali!...

E fiquem sabendo os menos lidos nesta matéria, que há, pelo menos, oito logares no nosso país, onde se topa com o nome de Ourique. Onde localizar a batalha, se todos os logares podem oferecer argumentos pro e contra?

Era, certamente, pensando nesta dificuldade que já o Prof. *David Lopes* escrevia: «mas a batalha deu-se; é incontestável: os documentos não permitem dúvida. Se não foi em nenhum de êstes logares (Alentejo, Lisboa, Montemor-o-Velho, Penela) então onde foi? Não o podemos dizer com certeza; mas talvez não seja difficil determiná-lo indirectamente com grande probabilidade. (1)

Ora pelo aduzido e pelo que vimos

(1) *D. Lopes* in *Os Arabes* nas obras de A. H.,
pág. 170.

dizendo verifica-se, que afinal, não é nada fácil determinar por um processo indirecto o local da batalha. Até o próprio Prof. *D. Lopes* já parece inclinar-se para outra hipótese diferente da que expôs em 1911, como atrás se viu ao aludirmos ao artigo de *T. Larcher*.

É que na verdade a falta de elementos provatórios não permite a elaboração de uma tese tão sólida que só de per si afaste qualquer impugnação.

De resto nada admira, que assim suceda, porque a base da localização da batalha assenta não em documentos, mas em deduções, que cada um se julga autorizado a fazer dadas certas asserções já de si discutíveis.

É ainda *D. Lopes* que nos permite fazer esta observação; ao demonstrar, com argumentos meramente subjectivos, que a hipótese da localização da batalha no Alentejo é inaceitável, frisa claramente: «não vemos, pois, outra base para esta localização que não seja a do nome. *Invoca-se também a tradição, mas nada prova que ela seja contemporânea dos factos. A tradição parece*

ter uma origem erudita. Sucede muitas vezes assim. Com a Troia de Setúbal assim foi. O documento mais antigo que possuímos para Ourique é do fim do século XIII: é o seu foral de 1290, e nêle nada se diz de êste sucesso, que durante tanto tempo se considerou a pedra angular da monarquia portuguesa». ⁽¹⁾

Ora o nome e até a tradição também têm sido invocados precisamente para outras localizações. Haja em vista o que afirmaram os snrs. *A. Cabreira* e *T. Larcher*. Assim o primeiro escreveu: vê-se, pois, pelos monumentos citados, que, 167 anos antes da invenção de Fr. *Bernardo de Brito*, já havia tradição escrita do Milagre de Ourique, e que continuou, depois sempre vívida, afluindo até nos campos pictórico e arquitetónico. ⁽²⁾

Por seu turno *Larcher*, como já atrás dissemos, pretende, que no reinado de

⁽¹⁾ *David Lopes*, obr. cit. pág. 167.

⁽²⁾ *A. Cabreira*, obr. cit. pág. 13.

D. João I existia a tradição da batalha do Campo de Ourique, perto de Leiria. ⁽¹⁾

Seja como fôr o processo indirecto para a determinação do local da batalha é que não resolve a incógnita, e o enigma de Ourique subsiste. E muito embora aquela ou esta tese possa colher mais votos por parte dos críticos, ou ofereça maior número de probabilidades, — a verdade é, que, para nós, só podemos ter o problema esclarecido quando apparecer algum texto árabe ou cristão, que sôbre a localização permita tirar ilacções firmes e seguras!...

E que o saibamos, até hõje, ainda não appareceu tal texto.

A última publicação sôbre o enigma de Ourique é da autoria do Snr. General *V. J. Cesar*; é a sua Conferência realizada nos Paços do Concelho do Cartaxo a 7 de Agosto de 1926, dia em foi comemorada a batalha de Ourique. ⁽²⁾

Lêmos attentamente o opúsculo; não

(1) Artigo citado do Diário de Notícias, págg. 36 e segg.

(2) Vid. págg. 27 e 28.

achamos argumentos convincentes, que justifiquem a localização da batalha no terreno designado com o nome de «*Chaãs d'Oric*». E digo argumentos convincentes porque o erudito escritor muito embora diga, que faz «uma exposição concisa, mas precisa e justificada» do acontecimento, — a verdade é, que produziu um folhêto com absoluta falta de documentação e grande carência de provas. E nestas circunstâncias somos forçados a confessar, que a questão fica inteiramente no mesmo pé quanto às dificuldades da localização, — pois o Snr. General *V. J. César* não nos diz, ao menos, como architectou a sua tese, quanto ao «Campo da batalha», nem onde foi colher os elementos de informação para a pretendida localização. ⁽¹⁾

(1) Diz o Snr. General de págg. 22 a 24 do seu folhêto : «o terreno onde se chocaram as tropas cristãs com as mouriscas, estas sob o comando de Ismar, valí de Santarém, era designado com o nome de «*Chaãs d'Oric*», e foi com êste nome que aquêlê terreno passou para a posse dos senhores de União. Era um vasto trato de terreno, ligeiramente ondulado,

Bem mais ponderadamente andou *António Sérgio* quando, referindo-se à vida acidentada de Afonso Henriques, escreveu: «atacado em 1137, marcha para o Sul, e

limitado a sudeste pelo vale d'Algares e vale de Mouros; a nascente pela densa floresta do Bairro dos Falcões; ao norte por uma linha determinada pelos *Casaes Romanos* (cujo nome ainda subsiste) e, por *Aldeia Velha*; ao poente pelo *Alto do Sol Posto* e *Vale da Pinta*. Hoje ainda se dá o nome de Chaã d'Ourique a um trato de terreno muito limitado, na posse do Snr. Ribeiro da Costa.»

O erudito escritor pretende fundamentar esta hipótese com o subsequente facto: «na carta de aforamento dada pelo Principal Manuel Pedro Teles, tio e tutor do 6.º conde de Unhão, D. Rodrigo Xavier, para se fazer a povoação dos *Casaes d'Ouric*, ou do Ouro, se diz que êsses terrenos eram baldios das *Chaãs d'Ourique*.»

Vê-se, pois, que o Snr. General V. J. César não lançou mão de outra base, para a localização da batalha, que não fôsse a do nome. Mas com isto incorre o ilustre militar nos inconvenientes já apontados a págg. 40 e 41 de este *Estudo*.

De resto não são suficientes as indicações, que o Snr. General nos fornece âcerca do documento: onde está? Quem o viu e analisou? Quando foi feito?

sai vitorioso num campo de Ourique, que não podemos hoje localizar (1)".

É tempo de terminarmos os nossos mal ataviados considerandos quanto ao enigma de Ourique pelo que respeita à localização da batalha.

O que dito fica é o bastante, creio eu, para se poder avaliar da dificuldade na solução do problema, dificuldade que os trabalhos aqui citados não removeram.

Na dúvida de que não tivesse sido claro, e na certeza de que me falta a autoridade, em assuntos de esta natureza, e ainda porque o leitor fica com uma idea mais completa e de conjunto àcêrca da questão, podendo facilmente avaliar da sua amplitude e profundidade, vou dar a palavra ao Snr. *Ludovico Caetano de Menezes*.

Porque não o transcreveu e comentou como era mister?

Esta nota, crêmos bem, justifica conseqüentemente o que deixamos expresso no texto de que ela é, por assim dizer, o natural complemento.

(1) *António Sérgio*, Bosquejo da História de Portugal, 2.^a ed., Lisboa, 1923, pág. 12.

Elaborou este erudito sócio da Associação dos Arqueólogos Portugêses uma interessante e curiosa proposta, que apresentou ao Conselho Administrativo de aquela colectividade; transcrevêmo-la para aqui do jornal — «O Século» —, de 4 de Junho do corrente ano, onde a vimos publicada. Eis a proposta em questão:

«Considerando que em Agosto de 1926, foi, por iniciativa do Governo, consagrado oficialmente como campo da problemática batalha de Ourique, o sítio de *Chãs de Ourique* da povoação do Casal de Ouro, concelho do Cartaxo;

Considerando que, por virtude dessa consagração, se procura erigir ali um padrão comemorativo da mesma batalha, ferida a 25 de Julho de 1139, havendo até subscrições já iniciadas para esse fim;

A) Atendendo, porém, a:

1.º — Que o sítio de *Chãs de Ourique* fica àquem Tejo e em nenhuma das cinco fontes apontadas por Herculano como legítimas e positivas para base da documentação — CRONICON LAMECENSE, CRO-

NICON CONIMBRICENSE, ELUCIDÁRIO DE VITERBO, VITA S. THEOTONII e CRÓNICA GOTHORUM — se diz que a mesma batalha se tivesse dado àquem Tejo;

2.º — Que, pelo contrário, dois dêsses documentos, afirmam que para dar a batalha, o monarca português passou o Tejo, sendo êles a *Crónica* dos godos e o *Elucidário de Viterbo* no artigo LADERA;

3.º — Que não há uniformidade na designação do nome do local da batalha, porquanto:

a) Em *Crónica lamecense* se diz ORIC;

b) Em *Crónica conimbricense* se diz OURIC;

c) Em *Viterbo, Elucidário*, artigo *Ladera*, se lê AURICH;

d) Em *Vita S. Theotonii* se lê HAU-LICH;

e) E em *Crónica dos godos* se lê: AULIC. (Herc., Hist. de Port., tom. II, liv. II, nota XVI, págg. 279-280, ed. 1914);

4.º — Que sôbre a toponímia do local há em doc. de 1181 a clara e precisa grafia de Ourique, escrita—OURIQUIUM—(Gabriel

Pereira, *Doc. Hist. da cidade de Évora*, part. 11.^a, pág. 9);

5.º — Que são discutíveis as razões apresentadas por Herculano, dando o actual concelho de Ourique como local da batalha, pois que a essas razões se opõem considerações de ordem estratégica, o mais elementar critério militar não facultando tão funda penetração da gente cristã pelo Alentejo, quasi até aos confins da província, através de um campo coberto de inimigos e defendido por forte cinta de castelos, ainda ao tempo em poder dos serracenos;

6.º — Que para um feito desta natureza prolongado até ao actual Ourique, carecia o príncipe português de deixar assegurada para o regresso a retirada pela linha do Tejo, guarnecendo as passagens do percurso, a fazer em sentido inverso, de tropa precisa, de que então não podia dispôr em número suficiente, segundo se colhe da história de Herculano;

7.º — Que à excepção da *Crónica dos godos*, em Brandão, *Mon. Lusit.*, de que se socorreu Viterbo, a referência à batalha de Ourique é leve e passageira;

8.º—Que desta leveza e dos próprios termos da menção do facto na mesma Crónica se infere que o feito se reduz às justas proporções de um fossado, não longe da linha do Tejo, a que se juntou depois o maravilhoso da descrição de uma batalha, porventura expressão real de um episódio de batalha, ocorrida depois entre a conquista da linha do Tejo e a conquista definitiva do Alentejo.

B) Em atenção agora ao opúsculo *A Batalha de Ourique*, do Snr. General Vitorino José César:

1.º—Que o problemático itinerário nêle marcado para a jornada de Ourique, partindo de Leiria para *Chãs de Ourique*, pelo Rio Maior, Alcoentrinho, Ereira e Vale da Pinta, não vem apontado em qualquer dos doc. citados;

2.º—Que em nenhum dêles se diz que o monarca partiu de Coimbra para Leiria, como no opúsculo;

3.º—Que, pelo contrário, em Brandão, *Mon. Lusit.*, se lê, que D. Afonso Henriques seguiu de Coimbra em direcção ao

Oriente, para passar o Tejo e entrou na fértil província do Alentejo;

4.º—Que Viterbo ampliando esta notícia, diz que o príncipe se encaminhou de Coimbra directamente para o fossado de Rabaçal, na foz do Zézere, de onde partia estrada para o Alentejo e por ela seguiu, atravessando o Tejo;

5.º—Que o dispositivo das forças em presença, indicado no opúsculo, é discutível e não se acha autorizado por nenhum dos anteriores documentos;

6.º—Que o único ponto de apoio, tomado no opúsculo para fundamento de localização da batalha, em *Châns de Ourique*, é a designação ORIC, que se encontra, segundo se diz, num documento da casa dos condes de Unhão, documento que se ignora onde existe, nem foi transcrito pelo autor no mesmo opúsculo, como era preciso, para dêle se tomar conhecimento e ser apreciado;

Tendo em vista o exposto e mais considerações que vêem em Herculano e tornam duvidoso o feito de Ourique, em 1139, proponho:

Que o Conselho Administrativo da Associação dos Arqueólogos Portugueses estude o assunto, e tomando em consideração a incerteza que reina sobre a batalha de Ourique, se esforce para que por esta Associação sejam dados os passos necessários junto do Governo, no sentido de nenhuma resolução ser tomada em tudo o que diga respeito à mesma batalha, sem que sobre o facto se pronuncie com o seu voto uma comissão de três membros, representando o Exército, a Academia das Ciências de Lisboa e a Associação dos Arqueólogos Portugueses».

Incluimos aqui esta proposta do Snr. *Ludovico de Menezes* quando é certo, que para sermos mais rigorosos a devíamos seccionar, indo parte de ela para o capítulo da localização, e a outra para o da importância da batalha.

E isto porque o ilustre escritor aduz argumentos, que teriam o seu mais racional cabimento no capítulo subsequente do que neste, que vimos desenvolvendo.

No entanto o inconveniente em inserir-

mos aqui a proposta na íntegra não é de molde a lançar a confusão ou a tornar menos límpida a exposição do que entendemos dever ter dito àcerca do local onde se daria o combate.

Bem ao contrário; os dois capítulos são tão interdependentes, há tão íntima conexão entre si, que foi bem preferível, — dadas as exíguas dimensões do artigo do Século, — não o truncar, e antes reproduzi-lo sem alguma mutilação, que a fazer-se seria única e simplesmente para melhor arranjo na disposição dos assuntos de este *Estudo*.

E já agora convém frizar o seguinte: a leitura do aludido artigo habilita o estudioso (comparando-o com o que temos afirmado) a constatar por si se é ou não verdade o que escrevemos ao iniciar este opúsculo.

Dissemos, então, e repetimos, agora, que tomando por outro caminho chegamos à mesma conclusão a que foi levado o Snr. *Ludovico de Menezes*.

Ainda temos diante de nós um capítulo a percorrer; mas cremos bem, que com a análise do que já dito fica, neste, que va-

mos finalizar, provamos não ser menos exacta aquela asserção.

Com efeito; os considerandos da proposta, em questão, condensam e resumem como que axiomas. Mas é necessário e conveniente demonstrar como é que podemos formulá-los; mas é preciso e indispensável provar como somos forçados a dar-lhes credibilidade. Se se trata de combater hipóteses vagas e flutuantes devemos mostrar que lhes fugimos e só avançamos com proposições difficilmente impugnáveis.

Sòmente adentro de esta orientação é, que os considerandos citados ou outras quaisquer considerações feitas a propósito de Ourique, que saiam fora do que habitualmente se pensa, só assim, repetimos, é, que a doutrina de êste ou de aquele escritor pode ter tòda a eficiência.

E o que temos nós feito até aqui?

Estabelecendo prèviamente as regras de crítica e apontando os princípios de metodologia, que nos nortiriam nas investigações a que íamos proceder, esforçamo-nos por mostrar que saindo para fora dos documentos, dos textos, das fontes, em suma,

nada de positivo tínhamos quanto à localização do feito de Ourique!...

Sob este aspecto podem-nos acusar de prolixo, mas jámais de ter seguido subser-vientemente qualquer Autor em especial; citamos diversos, transcrevemos-lhes certas passagens, aludimos a várias afirmações, mas tudo isto teve o seu comentário apro-positado. E se não consegui fazer uma sín-tese histórica, conforme os princípios indi-cados pelo profundo *Henri Berr*, penso ter architectado, ao menos, um trabalho sério e honesto, onde justamente alicerce as conclusões a que cheguei, e que por mera coincidência e casualidade são iguais às do Snr. *Ludovico de Menezes*.

Adaptando ao meu caso um pensamento de *Berr* o meu objectivo pode-se traduzir da seguinte forma: «ce n'est pas l'origina-lité que j'ai cherchée ici. Je me suis efforcé, comme il convenait en matière de science, non de créer une théorie neuve de l'histoire, mais de critiquer, d'utiliser, de faire abou-tir les théories antérieures». ⁽¹⁾

(1) *Henri Berr*, obr. cit. Préface, pág. X.

Ou então, parafraseando, pretendendo com a doutrina expendida mostrar quanto a tese clássica pura nos afasta da verdade (por virtude dos seus defensores argumentarem com viciosos paralogismos e capciosos sofismas), diligenciamos criticar o que há de criticável, utilizar o que é utilizável, — bem pouco por sinal —, e principalmente limitar, dentro de extremas lógicas e rigorosamente calculadas o que as teses (anteriores a *Herculano* e mesmo posteriores a êste) contêm, que mereça a aceitação da história como ela hoje se compreende.

Mas é mais que tempo de entrarmos no capítulo da importância da batalha de Ourique.

Escusado será dizer, que seguiremos a mesma orientação, que houve para com o capítulo da localização. Mais; no estudo da importância da batalha até serei mais escravo dos princípios da heurística histórica!

As fontes de informação continuam a ser as mesmas de que se serviu *Herculano* e a que aludimos a pág. 11, nota 1.

Outras de maior autenticidade são por

enquanto desconhecidas; natural é, pois, que comece pelo que *Herculano* escreveu na sua História relativamente a êste ponto, seguindo-se ao depois as alusões a outros Autores, o que tudo concertado permitirá finalmente chegar a uma determinada conclusão diferente, como vamos ver, de aquela a que chegaram *António Cabreira* e *V. J. César* — para tão sòmente me referir aos dois escritores, que tomaram a peito o resuscitar quasi em tôda a sua pureza e orthodoxia a tese clássica da importância de Ourique.

Ainda por verêdas diferentes das que trilhou o Snr. *Ludovico de Menezes* quiz, mais uma vez, o acaso, que os nossos pontos de vista se tocassem!...

Talvez por termos ido beber às mesmas fontes é, que ambos tivemos de confessar que a questão da importância da batalha envolve, também, um outro enigma, como já o envolvia a da localização; mas isto, é evidente, porque não perdemos de vista os ensinamentos da técnica histórica.